



Revista APMED - Volume 1 - Número 2 - Dezembro de 2022

A PRAIA DE CABO BRANCO – SUA HISTÓRIA, SEUS ENCANTOS E SEUS PROBLEMAS

Paulo Germano Cavalcanti Furtado

Membro da Academia Paraibana de Medicina

O NOME CABO BRANCO - A falésia que avança mar adentro em busca do sol nascente vem guarnecida por densa cobertura vegetal. Entretanto, ao longo de centenas, ou milhares de anos, sob a ação das marés, dos ventos e da chuva, ela expõe a sua base nua que permite o deslizamento permanente do verde sob o efeito incansável da erosão. A superfície desnuda deixa aflorar uma argila esbranquiçada que, à luz da manhã, produz reflexos percebidos pelos navegadores a grandes distâncias. É o caulim. Um composto mineral branco ou quase branco, muito abundante no Brasil e que é usado na produção de tintas e cerâmicas finas dentre uma vasta gama de outras aplicações industriais.

REFERÊNCIAS HISTÓRICAS - O registro mais antigo daquele que viria a ser chamado de Cabo Branco foi em 1501 quando avistado pelo mercador, navegador e descobridor italiano Américo Vespúcio que se encontrava a serviço da coroa portuguesa e o identificou como o primeiro acidente geográfico visto pela expedição que partira de Portugal com a missão de trazer um relato minucioso da costa brasileira recentemente descoberta. Inicialmente, Vespúcio batizou o local de São Vicenzo por ser regra dar o nome do santo do dia às novas descobertas. Depois de mais de um século, outro dado histórico não menos importante deu-se em 14 de janeiro de 1640 quando El Rey Felipe II decidiu enviar uma poderosa esquadra de 93 naus e 24 galeões para recuperar do domínio holandês as capitanias de Pernambuco e Paraíba. Houve, naquele período, duas grandes batalhas navais e o segundo confronto ocorreu a apenas duas milhas náuticas da costa, entre a ponta do Cabo Branco e a praia de Pitimbu. Nesse cenário de guerra, foram a pique três embarcações holandesas e duas portuguesas. Também se contabilizam as mortes de 44 marinheiros e de um comandante holandês. Os destroços dessas

naus, muito buscados, nunca foram, até hoje, localizados pelos mergulhadores. Anos mais tarde, com a expansão da cidade em direção ao mar, o promontório ganhou o nome de Cabo Branco que àquela época era referido como o Extremo Oriental das Américas.

O FAROL - O Farol do Cabo Branco, que não tem a estrutura arredondada típica dessas edificações, adota uma forma triangular única no país e é um dos mais visitados cartões postais da Paraíba. É formado por uma torre triangular em concreto com três projeções pontiagudas em forma de asa. O Farol era conhecido por estar situado sobre o ponto mais oriental das Américas, todavia nesse incontido processo de erosão o promontório perdeu a referência para a Ponta do Seixas. O projeto, do arquiteto Pedro Abraão Dieb, foi inaugurado em 21 abril de 1972 no governo do presidente Emílio Médici por ocasião das festividades do sesquicentenário da Independência do Brasil. Os idealizadores tiveram a ideia desafiadora de representar três folhas do sisal que foi a cultura agrícola responsável por um dos ciclos econômicos mais prósperos e duradouros do estado da Paraíba.

A PONTA DO CABO BRANCO - O pontal do Cabo Branco continua sob risco. A urbanização desordenada, sem drenagem pluvial adequada e sem a proteção da base da falésia, apresenta risco de deslizamento do Farol sobre o mar em um período de menos de 20 anos, segundo a previsão do geólogo e analista ambiental Williams Guimarães. Nesses estudos, a erosão faz a ponta e a face norte da falésia recuarem entre 0,46 e 1,92 metro por ano.

O BAIRRO - Antes da denominação atual do bairro, os primeiros moradores do Cabo Branco, até o final dos anos 70, assim davam o seu endereço: “moro em Tambaú, do lado do Cabo Branco” - a denominação de Cabo Branco era dada apenas ao promontório. José Américo de Almeida, por exemplo, o primeiro morador ilustre que para lá se mudou em 1953, passou a ser referido como “O solitário de TAMBAÚ” e que àquela época, era o nome de uma praia muito extensa que englobava a enseada inteira e se estendia ao norte além da “Ponta de Tambaú” onde seria erguido o famoso Hotel no governo João Agripino. A denominação de praia de Tambaú ainda alcançava a enseada seguinte, mais ao norte, hoje a bela praia de Manaíra, que recebeu tal nome em referência ao loteamento JARDIM MANAÍRA lançado na década de 1950 pelo investidor paraibano João Minervino, conhecido empresário da época.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS - O Cabo Branco, dotado de rara beleza, é patrimônio ambiental, cultural, paisagístico, histórico e ecológico da Paraíba. A praia é situada entre uma falésia viva e o oceano. A encosta verdejante é toda recoberta pela mata atlântica intocada. Do

outro lado, o mar calmo e protegido por arrecifes, reflete encantadores tons de verde e de azul. A larga faixa de areia branca recebe coqueiros e frondosas castanholas ajardinadas por arbustos e plantas rasteiras nativas, todas hoje protegidas. Com os seus cinco quilômetros de extensão, a praia do Cabo Branco é separada de Tambaú apenas por uma divisa que é o ponto de encontro entre o final da avenida Epitácio Pessoa e uma acolhedora pracinha à beira-mar conhecida como Busto de Tamandaré. É aí que se inicia o bairro propriamente dito, e a avenida adota o nome em referência ao histórico acidente geográfico. Sendo a principal via do bairro, ela percorre toda a beira-mar e toma a direção sudeste alcançando o monumental promontório. De lá, do seu ponto mais elevado, se pode avistar, a apenas 800 metros, a Ponta do Seixas, que hoje, sem mais discussões, é o Extremo Oriental das Américas.

OS PRIMEIROS MORADORES - Desde tempos idos, numa praia semideserta, viviam humildes pescadores e seus familiares que, à medida que o progresso avançava, eles iam sendo deslocados para um pouco mais longe daquele mar que lhes dava o sustento. Até o início dos anos 70, porém, havia uma alegre convivência entre praieiros e veranistas. A amizade atravessava gerações e até hoje é conservada pelos que eram os jovens naquela época.

No ano de 1951, José Américo de Almeida, então governador do estado e ex-ministro da Viação, com intenção de fixar moradia nessa praia, adquiriu por oitenta mil cruzeiros, pagos em duas parcelas, um lote de terreno pertencente ao empresário Valdemar Aranha. Para dar início à construção da casa, onde buscava paz e sossego ao final de intensa carreira de político e intelectual, obteve empréstimo do Banco Meireles e da Caixa Econômica. Em 1953, ainda governador, deixou a residência no Palácio da Redenção e mudou-se para o novo endereço na então praia de Tambaú. A morada, à beira-mar, é a atual Fundação Casa de José Américo, que foi transformada em museu, guarda as características de quando José Américo de Almeida nela residia e tornou-se um centro de estudos, pesquisas e difusão do conhecimento.

O empresário Paulo Miranda de Oliveira é outra personalidade que teve a sua vida muito ligada à história do Cabo Branco. Nasceu de família humilde no ano de 1904 na cidade de São José do Mipibu no Rio Grande do Norte. Teve, junto à família, uma passagem pela cidade de Guarabira e, lá, na adolescência, foi contratado pela firma Cunha Rego e Irmãos como auxiliar de comércio, chegando rapidamente a gerente da empresa. Aos trinta anos, fixou residência em João Pessoa na rua Beaurepaire Rohan abrindo o armazém Miranda, a Graciosa e a Casa Azul. Também foi representante do poderoso laboratório Rhodia que comercializava o lança-perfume Rodouro, grande sucesso dos antigos carnavais. Foi quando apareceu a oportunidade de adquirir

uma área rural no Cabo Branco onde havia uma fábrica de giz de alfaiate e de tintas hipotecada ao Banco do Brasil. Através de financiamento, Paulo Miranda tornou-se proprietário de boa parte da ponta do Cabo Branco que incluía um trecho da praia e uma parte do Altiplano. À beira-mar, ergueu a casa de veraneio que depois tornou-se a sua residência. Fez doação à Marinha do Brasil da área que é hoje ocupada pelo Farol. Também doou aos frades capuchinhos o espaço onde foi erguido o convento Nazareno que agora faz parte do condomínio horizontal Villas do Farol. Paulo Miranda, o poeta, foi vice-presidente da Associação Comercial de João Pessoa e presidente da API. Faleceu com a idade de 106 anos.

O notável advogado Joacil de Brito Pereira, intelectual de escol e político militante, em 1963, na fase de grande agitação política no cenário nacional, deixou a sua residência na rua Almeida Barreto, no centro da cidade, e mudou-se com a família para o tranquilo Cabo Branco. Havia adquirido do senhor Amélio Leite um terreno anexo ao lote de beira-mar, de frente para a transversal Alcebíades Silva. O referido lote de frente para o mar pertencia ao senhor Eithel Santiago, o sogro, que mais tarde cedeu o terreno aos familiares, esclarecendo que nada iria ser construído em frente à casa da sua filha Nely. Para a alegria da numerosa prole, e da meninada das vizinhanças, o espaço foi destinado a jardins e uma bem frequentada piscina. Naquela época, a estrada de acesso entre os coqueiros não passava de uma trilha de terra batida. Transporte público regular só após o revestimento asfáltico em 1974 quando "marinetes" e kombis apareciam no período do veraneio. A linha de Tambaú que circulava pela avenida Epitácio Pessoa, ao chegar à praia, acessava a avenida Almirante Tamandaré, à esquerda, em direção ao ponto final da parada no Elite Bar.

O CABO BRANCO DE HOJE E SEUS PROBLEMAS - Moradores de rua, digo, de praia, em número crescente, se abrigam em marquises, barracas de acampamento ou, no verão, em redes de dormir armadas entre as árvores. Outros mais carentes, deitam-se ao relento sobre folhas de papelão fazendo da mochila, travesseiro. Esses cidadãos que precisam de toda a nossa atenção são assistidos pelas equipes de serviço social da prefeitura, por religiosos comprometidos ou por pessoas anônimas. Os “flanelinhas” em grupos organizados aparecem nas horas de maior movimento, em troca de poucos reais, para guardar “o carro do doutor”. Cachorros são abandonados na praia pelos próprios donos e sobrevivem às custas de restos de comida oferecidos por restaurantes, moradores e outros frequentadores da praia. A população de pombos, agradáveis vizinhos, é crescente e causa preocupação por ser um elo importante na transmissão de Histoplasmose e Criptococose. Os caramujos africanos, que se apresentavam

em número crescente, até o início da pandemia não estão mais sendo vistos, nem neste atual período chuvoso de reprodução. Mesmo recebendo dois pontos de despejo de galerias pluviais, potencialmente contaminadas por dejetos, o mar é calmo e considerado limpo e apropriado para banho.

O CABO BRANCO ATUAL - No período entre 1973 e 1976, a praia começou a tomar feições efetivamente urbanas com a construção da rede de esgotos e da pavimentação asfáltica da via. Sob a responsabilidade da Construtora Concisa o PROJETO CURA, dotou a estrada carroçável de um moderno revestimento asfáltico e, para o bem de todos, desativou as primitivas fossas. Na administração do prefeito Dorgival Terceiro Neto, 1971/1974, a praia tomou outro fôlego rumo à modernidade ao abrir, paralelamente à base da falésia, a avenida desportista Eduardo Holanda. Antigos veranistas e moradores relatam que Dorgival em vez de oferecer indenização financeira aos donos dos imóveis que cederiam uma pequena parte dos seus terrenos, tratou de convencê-los de que a Prefeitura estava transformando o fundo de quintal deles em um valioso lote de frente para a avenida. Os pescadores e a barraca do Vatapá de dona Nina não tiveram melhor sorte. Foram indenizados e partiram em busca de uma nova morada no recém-criado bairro Padre Zé. Não lembramos de ter ouvido, naquela época, queixas desses humildes cidadãos. Outro inestimável benefício que foi dado ao Cabo Branco e a todas as praias do litoral da Paraíba foi a limitação administrativa de edificações na faixa costeira obedecendo a um escalonamento de gabaritos de acordo com a Constituição Estadual de 5 de outubro de 1989 em seu artigo 223. Posteriormente, essa limitação foi prevista na Lei Orgânica do Município de João Pessoa, de 2 de abril de 1990, em seu artigo 175. Desde então, ficou proibida a edificação de prédios altos à beira-mar, restando, no Cabo Branco, os já concluídos Edifícios Marques de Almeida, Beira Mar e Borborema.

Cabo Branco é tido como um bairro agradável e muito tranquilo para morar. As ocorrências policiais são raras. Talvez seja a mais bela praia urbana de João Pessoa. É um recanto atraente para turistas brasileiros e estrangeiros. Alguns, no primeiro contato, começam logo a sonhar em morar por aqui após a aposentadoria. Ao longo de toda a orla, o calçadão ladeado por ciclovia é um convite para intermináveis caminhadas e pedaladas. A bem montada estrutura do bairro para receber os seus visitantes interdita no horário das 05:00 às 08:00 da manhã a avenida Cabo Branco para receber pessoas de todas as idades em busca da incomparável paisagem praiana e do ar puro para descontração e queima de calorias. Não são poucas as opções de hospedagem. Há pousadas, "apart-hotéis", hotéis confortáveis de frente para o mar,

restaurantes, quiosques, interessantes barzinhos “pé na areia” e muitos prédios residenciais – todos em perfeita harmonia com a paisagem. Nessa desejada praia, “bonita até quando chove”, de inverno a verão não faltam turistas alegres nem eventos esportivos, artísticos, etílicos e culturais. É frequente encontrarmos amigos moradores de outras praias que procuram o Cabo Branco para as suas caminhadas. O nome Cabo Branco é forte e tem relevância histórica, cultural e ambiental. Cabo Branco foi o maior Clube Social do estado da Paraíba e esse mesmo nome também já chegou a ser cogitado para uma nova denominação da cidade que hoje é João Pessoa e que já foi Filipéia de Nossa Senhora das Neves, Frederikstadt, (Frederica) e Parahyba.